

Transkribus: uma ferramenta de paleografia digital mediando pesquisas em fontes inquisitoriais

Transkribus: a digital paleography tool mediating research into inquisitorial sources

Alícia Duhá Lose¹ 

João Guilherme Veloso Andrade dos Santos¹ 

Leonardo Coelho Marques de Jesus¹ 

Lívia Borges Souza Magalhães¹ 

Lucia Furquim Werneck Xavier² 

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editores convidados

Ana Pereira Ferreira
Leonor Dias Garcia
Ofélia Sequeira

Dossiê

Paleografia e
Diplomática na senda
das Humanidades
Digitais: caminhos
e propostas

Como citar:

LOSE, Alícia Duhá;
SANTOS, João Guilherme
Veloso Andrade dos;
JESUS, Leonardo
Coelho Marques de;
MAGALHÃES, Lívia
Borges Souza; FROUXE,
Lucia. Transkribus:
uma ferramenta de
paleografia digital
mediando pesquisas em
fontes inquisitoriais.
Revista LaborHistórico, v.10,
n.1, e63285, 2024. doi:
[https://doi.org/10.24206/
lh.v10i1.63285](https://doi.org/10.24206/lh.v10i1.63285)

¹Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

E-mail: alicialose@gmail.com; veloso.j018@gmail.com;
leonardo.coelhom@gmail.com; maglivia@gmail.com

²Projeto Resgate Barão do Rio Branco, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: luciafwx@me.com

Resumo

Criado por pesquisadores da universidade de Innsbruck, na Austrália, a Transkribus é uma plataforma de digitalização, reconhecimento e transcrição de documentos manuscritos e impressos antigos, sendo, por isso, uma grande auxiliar no desenvolvimento de pesquisas nesses testemunhos históricos que, por vezes, pelas suas características materiais e escriptográficas, terminam dificultando circunstancialmente o trabalho do pesquisador. Dessa forma, o trabalho aqui apresentado expõe o processo de constituição do modelo Padre Antônio Vieira, programado para leitura de documentos inquisitoriais arquivados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, e noticiar como esse trabalho tem possibilitado a construção

de outras pesquisas – de cunho paleográfico, linguístico e histórico – mediadas por pesquisadores do Grupo de Pesquisa *Modus Scribendi*, vinculado à Universidade Federal da Bahia.

Palavras-chave

Transkribus; Paleografia digital; Filologia; documentos inquisitoriais.

Abstract

Created by researchers from the University of Innsbruck, Australia, Transkribus is a platform for digitization, recognition and transcription of old handwritten and printed documents, being, therefore, a great help in the development of research in these historical testimonies that, at times, its materials and scriptural characteristics end up circumstantially hindering the researcher's work. Thus, the work presented here exposes the process of constitution of the Padre Antônio Vieira model, programmed for reading inquisitorial documents archived in the Torre do Tombo National Archive, and informing how this work has enabled the construction of other researches – of a paleographical nature, linguistic and historical – mediated by researchers from the Modus Scribendi Research Group, linked to the Federal University of Bahia.

Keywords

Transkribus; Digital paleography; Philology; inquisitorial documents.

Introdução

Borges e Souza iniciam o artigo *Filologia e edição de texto*, primeiro do livro *Edição de textos e crítica filológica*, destacando que, quando se tenta discutir o significado da Filologia, encontra-se uma difícil tarefa, hipoteticamente motivada pela:

(i) a senilidade da Filologia; (ii) a pluralidade de atividades alcunhadas de filológicas ao longo da tradição ocidental; (iii) a emergência de um paradigma científico dominante no século XIX; e (iv) o impacto imanentista da Linguística Moderna e dos Estudos Literários (Souza, 2008). (Borges *et al.*, 2012, p. 15).

Outras ciências lidam com essa mesma dificuldade de definição e, aqui, toma-se o caso da Paleografia. Manuais da área indicam, convencionalmente, um conceito etimológico, segundo o qual o termo significaria estudo das escritas antigas; ou, ainda, variações mais contundentes, como a apresentada por Besselaar (1954, citado

por Berwanger *et al.*, 2008), que pontua a Paleografia como: “E o estudo metódico de textos antigos quanto à sua forma exterior. Abrange não só a história da escrita e a evolução das letras, mas também o conhecimento dos materiais e instrumentos para escrever”.

Três dos fatores elencados por Borges e Souza para hipotetizar a variação conceitual da Filologia podem ser relocados para o caso da Paleografia, são eles: a senilidade, a pluralidade de aplicações do termo Paleografia; e, também, os impactos do cientificismo do século XIX. Contudo, numa observação mais contundente, é possível resumir esses fatores a um âmbito maior, que é mediado pela senilidade, já que, desde o seu nascimento, nos idos de 1681, em função da publicação da obra *De Re Diplomatica*, a Paleografia já foi utilizada por diversos pesquisadores que, fazendo jus ao seu tempo, utilizavam métodos específicos, constituindo um fazer científico que, como lembra Paul Feyerabend (1977, p. 29), caracterizam um processo evolutivo da ciência.

A idéia de conduzir os negócios da ciência com o auxílio de um método, que encerre princípios firmes, imutáveis e incondicionalmente obrigatórios vê-se diante de considerável dificuldade, quando posta em confronto com os resultados da pesquisa histórica. Verificamos, fazendo um confronto, que não há uma só regra, embora plausível e bem fundada na epistemologia, que deixe de ser violada em algum momento. Torna-se claro que tais violações não são eventos acidentais, não são o resultado de conhecimento insuficiente ou de desatenção que poderia ter sido evitada. Percebemos, ao contrário, que as violações são necessárias para o progresso.

O progresso na Paleografia pode ser percebido por meio da ampliação do escopo de abrangência da ciência. Na primeira fase, ela constituía-se como uma metodologia de leitura de textos antigos, o que, como aponta Núñez Contreras (1994, p. 19), era reflexo do objetivo de acessar o conteúdo dos textos antigos, tendo os manuais da área complementado e melhorado “[...] os conjuntos de abreviações e as doutrinas elementares estabelecidas na Antiguidade e na Idade Média sobre os escritos antigos e sua interpretação.”

A interação entre o pesquisador e o texto surge como um novo ponto de evolução no fazer paleográfico, instituindo uma inovação científica. Nela, faz-se “[...] um exame rigoroso sobre ‘todos os problemas de identificação, autenticação e reagrupamento de títulos independentemente do período a que pertençam’.” (Núñez Contreras, 1994, p. 20). Aqui inicia-se, então, a prática de, além de ler, interpretar o conteúdo dos escritos, observando informações que consigam, direta ou indiretamente, apresentar dados sobre o material lido, destacando, então, o avanço que, provavelmente, foi feito por pesquisadores, que outrora só liam o texto, mas

notaram, nesse mesmo texto, dados capazes de auxiliar em um aprofundamento da compreensão do escrito.

Outro ponto de inovação que merece ser destacado no processo evolutivo da prática paleográfica é a percepção de que todo escrito é fruto de uma cultura que merece ser estudada. Esse movimento advém de um reflexo do alargamento do conceito de fontes que, como aponta Barros (2019), funcionam como cerne da pesquisa historiográfica e, por isso, é definido, atualmente, como: “[...] **tudo** aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e inferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente.” (Barros, 2019, p. 12, grifo nosso).

Se agora a história olha para o tudo, nem sempre fora assim, pois, até o século XIX, era comum a dimensão da existência de um único documento que funcionasse como prova dos fatos históricos e, para ter esse valor documental, era preciso que ele fosse dotado de uma chancela, seja de instituições ou organismos de Estados, seja de pessoas detentoras desses poderes instituídos como válidos. Esse modelo de produção historiográfica, como aponta Barros (2019), era característico da História Política, e essa metodologia de trabalho reverberava nas outras ciências, como a Paleografia, muitas vezes acionada no fazer historiográfico.

A virada metodológica que fez a História ampliar o olhar e passar a considerar todos os tipos de documentos e vestígios informacionais como válidos ao fazer historiográfico, deve-se ao movimento *Nouvelle Histoire*, organizado por historiadores vinculados à Escola dos Annales. Esse alargamento do objeto de estudo historiográfico ocasionou, como destaca Le Goff (2003), uma transformação significativa marcada pela irrupção do quantitativo de fontes, já que, os olhares se voltam para qualquer registro, escrito ou não, que possa indicar vestígios do passado; bem como pelo uso do recurso tecnológico como forma de auxiliar o desenvolvimento das pesquisas.

Essa transformação impactou, também no fazer paleográfico, que passou a se entender como a constituição de uma História da Cultura Escrita, dedicando-se a estudar

[...] escritura no marco da sociedade que a produz, o que constitui o campo de estudo da história social da escritura, reorienta seu método de trabalho e suas pretensões científicas; substitui seu velho interesse pela escritura das classes dominantes, produto também da procedência social daqueles que se ocuparam da Paleografia até princípios deste século, para se ocupar de detectar os rastros escritos das classes populares. [...]. (Gomes; Saez, 2016)

O recurso informático também passou a ser usado como uma presença nos estudos paleográfico, contudo, as noções de *práticas* e *representações*, pontuadas por Chartier (1988), refletem diretamente na utilização do computador no fazer

paleográfico, visto que, inicialmente, para a maioria dos pesquisadores da área, os computadores serviam somente para a transcrição de textos, realizado por meio do uso dos diversos processadores de texto comerciais para tal fim; depois se começaram a utilizar os recursos de produção de fac-símile por meio da digitalização com câmeras de alta resolução, o que facilita a realização do trabalho, já que o manuseio da imagem digital permite o uso de ferramentas como, por exemplo, o zoom, capaz de aumentar as imagens significativamente, possibilitando a percepção de detalhes que, a olho nu ou com lupas de vidro, não seriam perceptíveis.

Contudo, o avanço da tecnologia ao longo do século XXI solicita de todos os pesquisadores do mundo um novo comportamento no desenvolvimento dos seus trabalhos. Contudo, os cientistas humanos, no geral, não acompanharam essa solicitação e pouco se dedicaram a realizar um amplo processo de apropriação das ferramentas computacionais e do hábito de debruçar-se sobre os conhecimentos da Ciência da Computação e, frente a esse cenário, um movimento surgiu clamando a uma mudança de postura. Está-se tratando aqui das Humanidades Digitais.

As Humanidades Digitais: Exemplificando o Impacto

Padre Roberto Busa, um jesuíta italiano nascido no começo século XX é considerado o patriarca das Humanidades Digitais, pois teria sido o primeiro a utilizar máquinas capazes de processar dígitos em prol do conhecimento das ciências humanas.

Um programa de concordância puramente mecânico, onde as palavras são colocadas em ordem alfabética de acordo com suas formas gráficas (sequências de letras), poderia ter produzido um resultado em muito menos tempo, mas Busa não ficaria satisfeito com isso. Ele queria produzir uma concordância “lematizada” em que as palavras fossem listadas sob seus cabeçalhos de dicionário, não sob suas formas simples. Sua equipe tentou escrever algum software de computador para lidar com isso e, eventualmente, a lematização de todas as 11 milhões de palavras foi concluída de forma semiautomática com seres humanos lidando com formas de palavras que o programa não conseguia lidar. Busa estabeleceu padrões muito elevados para seu trabalho. Seus volumes são elegantemente editados e ele não comprometeria nenhum nível de bolsa de estudos para fazer o trabalho mais rápido. Ele continuou a ter uma influência profunda na computação em ciências humanas, com uma visão e imaginação que vão além dos horizontes de muitos da atual geração de profissionais que foram criados com a Internet. Um CD-ROM do material de Tomás de Aquino apareceu em 1992, incorporando algumas características hipertextuais (“cum

hypertextibus”) (Busa 1992) e foi acompanhado por um guia do usuário em latim, inglês e italiano. O próprio Padre Busa foi o primeiro a receber o prêmio Busa em reconhecimento às notáveis realizações na aplicação da tecnologia da informação à pesquisa humanística, e em sua palestra em Debrecen, Hungria, em 1998, ele refletiu sobre o potencial da World Wide Web para oferecer material escolar multimídia acompanhado de ferramentas de análise sofisticadas (Busa, 1999). (Schreibman, *et al.*, 2004).

Contudo, como dito anteriormente, o uso da tecnologia computacional não se tornou uma realidade nas Ciências Humanas. Alguns poucos trabalhos isolados dedicavam-se a tal metodologia, o que fez com que um grupo de pesquisadores, em 2011, escrevesse um manifesto clamando cientistas da área a realizarem, efetivamente, a entrada no mundo digital, por meio da mobilização de instrumentos e perspectivas próprias do trato com o computador como, por exemplo:

[...] acesso livre aos dados e os metadados. Estes devem ser documentados e interoperáveis, tanto técnica como conceitualmente; [...] a edificação de uma competência coletiva que se apoie em um vocabulário comum, competência coletiva que procede do trabalho do conjunto dos atores; [...] construção de ciber-infra-estruturas evolutivas que respondam a necessidades reais. Estas ciber-infra-estruturas construir-se-ão de maneiras iterativas, apoiando-se sobre a constatação de métodos e de abordagens comprovadas nas comunidades de pesquisa. (Thatcamp, 2011).

Esse clamor teve um impacto bastante significativo. Ciências como a Filologia, passaram a adotar metodologias de trabalho totalmente mediadas pelo computador, fazendo nascer, assim, as chamadas edições digitais. Lose *et al.* (2011, p. 78) esclarecem:

A edição digital, e não edição meramente em formato digital, mostra-se um tipo completamente adequado à Filologia que precisa não somente trabalhar o texto, mas também o paratexto, as informações que contextualizam e dão sentido ao documento editado. Nas edições anteriores tais informações vinham como arredores, mas na edição digital esse arcabouço informacional está totalmente integrado ao texto transcrito, criando assim uma sintonia perfeita entre a transcrição e todas as informações que foram necessárias para que o filólogo adentrasse esse texto, e, conseqüentemente, desempenhasse sua função (de trazer o texto fidedigno) com mais confiança e clareza. O entorno do texto é sempre fundamental para uma boa edição e a edição digital possibilita esse diálogo de forma natural e soberana.

A edição digital mostra-se completa, pois o editor pode escolher os critérios de qualquer tipo de transcrição já existente e fazer dialogar isso através de hiperlinks com seu paratexto, além de desdobramento de abreviaturas, movimentos de correção do autor, em caso de texto moderno, entre outras possibilidades. Além disso, tornar o texto digital é possibilitar sua divulgação de forma mais fácil, acessível e abrangente.”

É nessa possibilidade de **escolha de critérios**, apresentada pela edição digital, que se configura o grande diferencial dessa proposta apontada por Lose *et al.* (2011), uma vez que, para cada texto trabalhado, cabe ao filólogo escolher, baseado nas características do documento e na análise do seu público leitor, quais elementos devem ser inseridos na edição, considerando, por exemplo, a possibilidade de unir o texto com o paratexto, isto é, unir todos os elementos que auxiliam, direta ou indiretamente, na compreensão de um texto de base, como, por exemplo, glossários, imagens, áudios; bem como produzir novos textos capazes de, por si mesmos, aumentarem a significação (ou dar aura simbólica) do objeto em estudo. Pode-se exemplificar este tipo de atuação com o trabalho desenvolvido por Magalhães (2018) ao construir uma edição digital unindo edições de documentos do acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia, mais especificamente *A edição da Coleção de Livros do Tombo*, série de documentos considerados patrimônio da Memória do Mundo, pela UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), onde estão registradas

[...] informações que alcançam um período que vai dos séculos XVI ao XVIII. Os textos constituem-se de traslados do original, autenticados, de acordo com os termos de abertura e de encerramento, por tabelião, afirmando-se que, depois de copiados, foram lidos e achados conforme os originais. (Andrade, 2010, p. 18).

Há, ainda, *A edição do Livro de Aforamentos*, que é

[...] um códice cujas páginas, escritas do ano de 1743 até 1874, guardam uma série de contratos de aforamentos de terras que haviam sido doadas ao Mosteiro de São Bento da Bahia, ou seja, trata-se de um documento notarial que remonta a configuração social, geográfica, histórica e linguística da Cidade de Salvador entre os séculos XVIII e XIX. (Magalhães, 2010, p. 9).

Para mais, tem-se *A Edição das Cartas de Profissão dos Monges*, um conjunto de documentos “[...] tidos como símbolo de total entrega à vida religiosa do iniciante à vida monástica e testemunhos do compromisso e da obediência que este prometeu a sua ordem e a sociedade em geral” (Jesus, 2014, p. 23), posto que registram o

momento em que se inicia a vida monástica, funcionando, então, como certidão de nascimento dos monges para a vida religiosa.

E mais duas outras edições dessa natureza: a *edição do Livro de Crônicas*, “[...] um manuscrito cunhado de 1914 até 1934 onde estão registradas, como o nome sinaliza, as crônicas do mosteiro baiano” (Magalhães, 2013, p. 21); e a *edição do Diretório da Congregação*, um documento que apresenta, de maneira objetiva, a biografia dos monges citados no Livro de Crônicas, trazendo, assim, dados consideravelmente relevantes para enriquecimento do trabalho proposto.

Com as edições em mãos, investigou-se um elo entre os documentos, partindo-se da observação de que todos os textos foram construídos por meio do resgate da história de pessoas e lugares que, direta ou indiretamente, estavam ligados à abadia baiana, o que Greimas e Courtés (1983) chamaram de actantes. A toponímia e a antroponímia passaram, então, a funcionar como *hiperlinks*, permitindo ao leitor navegar de um documento para outro, fazer buscas diretivas sobre qualquer parte do texto (por meio da ferramenta de busca dos navegadores), bem como acessar informações paratextuais. Tal trabalho pode ser acessado no site: <http://www.papeisquenarram.com.br>, desenvolvido por Magalhães (2018) como parte da tese de doutoramento.



Figura 1. Homepage do site <http://www.papeisquenarram.com.br/>.

Fonte: Acervo dos autores.

As Humanidades Digitais na Paleografia

Sendo uma ciência humana, a Paleografia também foi atingida pelo clamor das Humanidades Digitais, como dito anteriormente e inseriu, no seu bojo teórico, uma nova metodologia: a Paleografia digital, definida por Cuila (2017) como “[...] o estudo da escrita antiga apoiado e aprimorado por tecnologias digitais.”, sendo que esse aprimoramento pode constituir-se por duas vertentes:

construção de “[...] formas representacionais de dados digitais [...]” (Cuila, 2017) e/ou “[...] processos de manipulação de dados em termos computacionais [...]” (Cuila, 2017). São, então, os computadores sendo usado efetivamente para a realização do trabalho paleográfico, não engendrando uma nova ciência, mas sim, uma nova metodologia, mais um ponto de inovação.

Dessa forma, quando se toma o termo Paleografia digital, tem-se a junção de dois elementos

[...] onde paleografia significa ao mesmo tempo a história e a ciência da escrita, abrangendo análises formais, bem como sociais e culturais, pelo menos até a disseminação da impressão – diferentes entendimentos e explorações correspondentes do digital são incluídos. O processamento de imagens, bem como a anotação de imagens e os modelos conceituais de caligrafia, podem ser categorizados como paleografia digital quando aplicados criticamente a artefatos escritos à mão do passado; todas essas abordagens implicam na operacionalização de um certo entendimento da escrita manual em softwares de diferentes tipos. Essas operacionalizações são os processos em que pode ocorrer a compreensão transformadora do que significa fazer paleografia na era digital. (Cuila, 2017)

A principal característica desse segmento de fazer paleográfico é construir modelos, isto é, atuar no processo de programação dos sistemas para que elas capturem, dentro dos diversos dados que estão ali postos, aqueles capazes de permitir um funcionamento automatizado, ou seja, uma aprendizagem da máquina. Ao paleógrafo, na verdade, não cabe o processo de realizar a programação em si, mas de ensinar a máquina, por meio da realização de transcrições e marcações de informações nas imagens que são inseridas no sistema.

Toma-se como exemplo deste tipo de trabalho o que vem sendo desenvolvido, atualmente, pelo Grupo de Pesquisa *Modus Scribendi* na plataforma Transkribus. Criada por pesquisadores da universidade de Innsbruck, na Áustria, ela é uma plataforma de digitalização, reconhecimento, transcrição automatizada e pesquisas históricas de textos antigos. Essa plataforma tem em si uma programação que faz com que ela, por meio da tecnologia de reconhecimento da letra manuscrita (*Handwritten Text Recognition*), somada com recursos de inteligência artificial-, reconheça a morfologia das letras, as características linguísticas de cada língua, bem como o *modus scribendi* das mãos ali representadas e faça, com celeridade, transcrições automatizadas.

Contudo, para que a plataforma realize as transcrições com a qualidade esperada pelos usuários, são preparados modelos específicos em diversos idiomas e para diversos tipos caligráficos e peculiaridades de *scriptae*. É exatamente na preparação desses modelos que a figura do paleógrafo se torne essencial, pois cabe a ele o processo de

ensinar à plataforma a reconhecer os caracteres corretamente. Isso é feito através da realização de transcrições, de forma mecânica e tradicional, durante as quais o paleógrafo responsável pela criação de um modelo irá inserindo, letra a letra e linha a linha, tudo o que está indicado na imagem digital do documento, a partir de critérios rigorosamente conservadores de transcrição. É também o paleógrafo o responsável pelo direcionamento exato dos aspectos morfológicos das letras presentes no manuscrito que está sendo usado como base para a aprendizagem.

Cientes de todas essas questões, membros do grupo de pesquisa *Modus Scribendi* – em específico as Professoras Doutoras Alícia Duhá Lose (Filologia e Paleografia), Lívia Borges Souza Magalhães (Filologia e Paleografia) e Lúcia Werneck Furquin Xavier (História e Paleografia); o Professor Mestre Rafael Marques Ferreira Barbosa Magalhães; o discente do curso de arquivologia Cassiano Borowsky Braz da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e os alunos de graduação vinculados ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica da universidade (PIBIC-UFBA) João Guilherme Veloso Andrade dos Santos (História) e Leonardo Coelho Marques de Jesus (Letras) – têm se dedicado à construção de um modelo que proporciona à Transkribus a capacidade de lidar com documentos manuscritos em Língua Portuguesa, em diversas nuances e diversas escritas. Os documentos que servem de *corpus* para esse trabalho são documentos inquisitoriais disponíveis, já em formato digital, no acervo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

É importante dizer que, além dos membros do Grupo *Modus Scribendi*, outros pesquisadores atuam voluntariamente no projeto de construção de modelos em Língua Portuguesa na plataforma Transkribus. São eles: Professora Doutora Antonieta Buriti de Souza Hosokawa, Professora Mestra Cláudia Coimbra do Espírito Santo, Fabio Melo Minervini, Professor Professor Doutor Leonardo Augusto Silva Fontes, e Professor Mestre Yuri Teixeira Pires. Registra-se, então, o agradecimento pelo empenho no trabalho e pela dedicação à ciência, mesmo sem qualquer tipo de financiamento.

O trabalho realizado pela equipe, efetivamente, se dá a partir das seguintes etapas. O primeiro passo é selecionar, no acervo da Torre do Tombo, o documento que será usado como base, fazer *download* do material e, posteriormente, inserir os seus *fac-símiles* na plataforma Transkribus. Dentro da plataforma, fazer a etapa de *layout analysis* – isto é, a marcação e seleção, sobre os *fac-símiles*, das áreas que contém textos e que devem ser consideradas pela plataforma no processo de transcrição. Esse processo pode ser feito automaticamente, usando ferramentas presentes na própria plataforma, mas, invariavelmente, o olhar humano encontra alguns equívocos nas marcações, o que demanda, então, um trabalho manual de ajuste para inserir elementos que, porventura, não tenham sido alcançados no campo de visão do programa, por exemplo, hastes e acentos ou notas marginais.

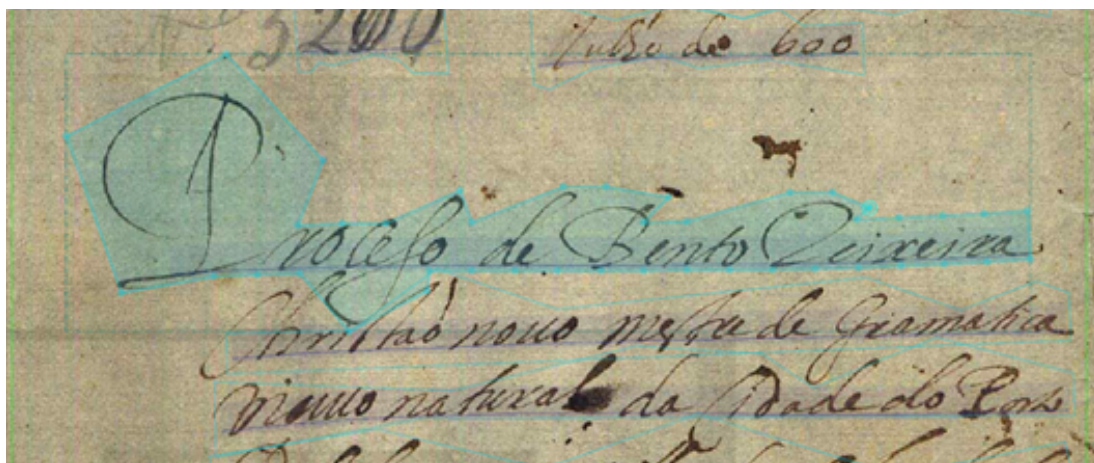


Figura 2. Exemplo de trecho com layout analyses delimitando todos os aspectos morfológicos das letras presente no fac-símile.

Fonte: Acervo dos autores.

O mesmo deve ser feito para excluir do campo de transcrição do modelo alguns danos do suporte.

Posteriormente a essa etapa, faz-se a transcrição no espaço reservado para tal, devendo o paleógrafo atentar para inserir o conteúdo exatamente na linha indicada pela plataforma.

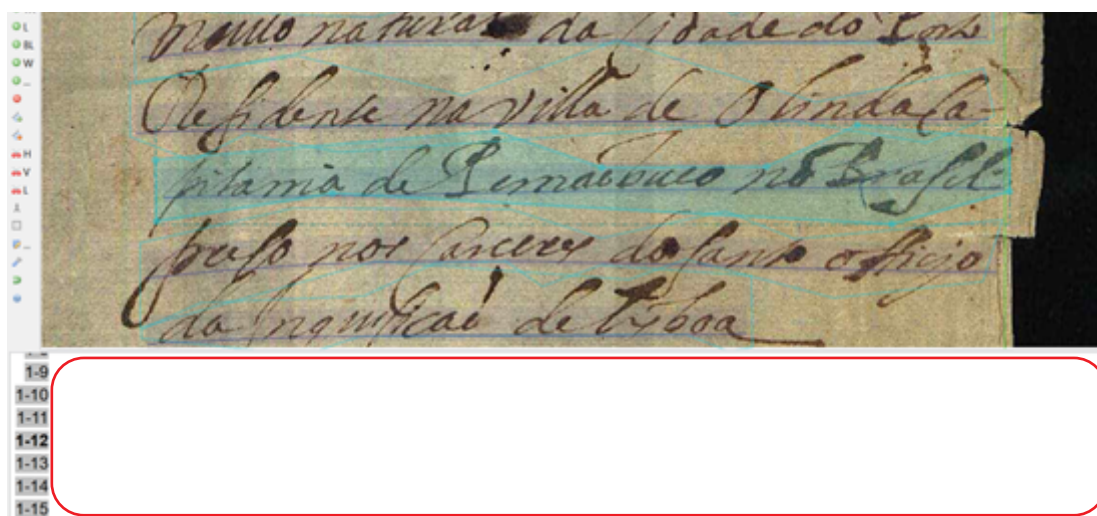


Figura 3. Espaço para transcrição do texto.

Fonte: Acervo dos autores.

É importante ressaltar que, no trabalho desenvolvido no Grupo Modus Scribendi, tem-se o objetivo de criar modelos robustos e exitosos e, por isso, todos os membros da equipe envolvida na criação dos modelos têm um conhecimento significativo de Paleografia e atuam de forma coordenada e mediante a utilização de rigorosos critérios paleográficos amplamente debatidos no grupo. São eles:

- preservar, na íntegra, a grafia do original mesmo nos casos em que fica claro o lapso do *scriptor*;
- preservar as principais características textuais do documento, utilizando, inclusive, caracteres especiais para lidar com símbolos presentes no documento;
- mover as linhas de marcação do texto para acolher as abreviaturas, que devem ser transcritas sem desdobramento;
- ponderar, de maneira sistêmica, em relação às características de união ou separação de palavras;
- preservar as características de interlineação presentes no documento;
- transcrever, sempre como região de texto número 1, o texto principal presente no documento;
- não realizar a transcrição das assinaturas;
- em caso de aparecimento de rasuras, substituições, supressões, utilizar os recursos disponíveis pela Transkribus para recortar o trecho que, por ventura, pode comprometer a qualidade da construção do modelo
- em caso de impossibilidade de leitura efetivada, o trecho deve ser recortado utilizando o recurso da Transkribus.

Optou-se por essa forma de atuação para que o produto da pesquisa, ou seja, o modelo, tivesse qualidade científica reconhecida, balizada pela prática paleográfica de transcrição.

No site da plataforma Transkribus há a informação de que, para iniciar o processo de treinamento de um modelo, é necessário que se tenham entre 5000 e 15000 palavras transcritas. Os membros do Grupo Modus Scribendi conseguiram, em 2019, a marca de 11.876 palavras, e rodaram o primeiro modelo, intitulado *Portuguese Inquisition Handwriting*. Esse modelo teve uma taxa de assertividade de, aproximadamente, 85%, um valor considerado bom, mas que, sem dúvida, poderia ser melhorado. Cientes disso, partiu-se, então, para a construção de um segundo modelo, que foi batizado com o nome *Modelo Padre Antônio Vieira*, cuja proposta é ter um quantitativo de 250 mil palavras transcritas e uma assertividade de mais de 95%.

Ciência Digital, mas, acima de tudo, Humana

O produto final do trabalho que está sendo realizado pelos membros do Grupo de Pesquisa *Modus Scribendi* será esse modelo de transcrição automatizada em Língua Portuguesa que, com grande assertividade, possibilitará a outras pessoas (pesquisadores ou não) acessarem o teor dos processos inquisitoriais mesmo que não tenham conhecimentos paleográficos. Para isso, bastará inserir os *fac-símiles* dos documentos gerados ao longo da atuação do tribunal da fé na Transkribus e solicitar à plataforma a transcrição automatizada, um movimento válido, inclusive, para todo e qualquer documento que tenha as mesmas características escritptográficas dos documentos

que foram trabalhados para construção do modelo. Esse movimento proporcionará, de maneira facilitada, o acesso ao conteúdo dos textos, o que possibilitará o desenvolvimento de pesquisas nas mais diversas áreas do saber, como, por exemplo, a História, a Linguística, a Antropologia, a Sociologia.

Inclusive, é importante pontuar que a escolha dos documentos inquisitoriais como *corpus* para o desenvolvimento do trabalho se deveu ao fato de esse conjunto documental ser composto por textos produzidos por diversas mãos, o que faz com que a plataforma fique melhor habilitada, visto que estará treinada para lidar com diversos aspectos morfológicos da escrita. Outro ponto importantíssimo ponderado para a escolha foi a riqueza do teor dos documentos.

Área de polêmicas, de juízos contraditórios, de opiniões pré-concebidas. História, literatura, teatro, explorando os dramas individuais ou os temores de consciências inquietadas, ora o têm pintado como algo de terrificante repassado de odiosidades e hipocrisias, como um instrumento de tirania – a pior das tiranias, a que silencia os espíritos, ora como um baluarte de fidelidade à crença e à verdade, refúgio da virtude, para recuperação de ovelhas transviadas. Do horror ao panegírico. As posições extremas suscitam exagerações e há um certo fascínio na tarefa de superação das famas infundadas. Vencer o que se diz que aconteceu pela redescoberta do que aconteceu mesmo. (Siqueira, 1971).

Mesmo tendo como foco a pesquisa de construção dos modelos em língua portuguesa, os membros do Grupo de Pesquisa *Modus Scribendi* voltaram seus olhares para alguns aspectos desse conjunto documental tão rico e se permitiram viver aquilo a que Derrida chama de “Mal de Arquivo”:

A perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo (en mal d’archive). Escutando o idioma francês e nele, o atributo “en mal de”, estar com mal de arquivo, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome “mal” poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprímível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. Nenhuma paixão, nenhuma pulsão, nenhuma compulsão, nem compulsão de repetição, nenhum “mal-de”, nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou outro, não está com mal de arquivo. (Derrida, 2001, p. 118-119).

Esse *desvio de olhar* da proposta de trabalho inicial permitiu o desenvolvimento de pesquisas paralelas o que colocou, conseqüentemente, a Transkribus, mesmo antes da existência do modelo de automação, como uma ferramenta para o desenvolvimento de pesquisas em Língua Portuguesa, para os membros do Grupo, como se pode ver a seguir.

Edição do Processo do Mestre de Campo Garcia D'Avila

O trabalho com a Transkribus proporcionou aos membros do Grupo, como dito anteriormente, o acesso a diversos processos, cadernos do promotor, dentre outros tipos documentais. Algumas dessas fontes eram desconhecidas, mas havia outras que já amplamente estudadas e divulgadas. Uma dessas fontes que foi incluída entre os documentos para a criação do modelo é a que trata do processo contra o Mestre de Campo Garcia D'Avilla. Tal processo foi objeto de análise do historiador baiano Luiz Mott que publicou em seu livro *Bahia: inquisição e sociedade* uma transcrição do documento.

O grande diferencial desse documento é que ele se configura como um registro escrito que relata uma série de maus tratos a que Garcia D'Avilla submetia as pessoas escravizadas em sua propriedade, a famosa Casa da Torre. O texto é um relato cruel, desumano e doloroso, mas de fundamental importância para que se entendam questões do processo de escravização no Brasil.

A inclusão do documento no modelo foi motivada pelo pedido de um dos membros da equipe, o graduando João Veloso, bolsista de iniciação científica do Grupo *Modus Scribendi*, que, como estudante de história, já conhecia a obra do historiador Luiz Mott (2010). Durante o processo de transcrição do processo na Transkribus, a professora doutora Lívia Borges Souza Magalhães consultou a obra do historiador e percebeu que a edição presente no livro de Mott não obedecia a critérios claros de transcrição e apresentava algumas alterações em relação ao original que, supõe-se, buscavam atender os desejos de pesquisa então empreendida como, por exemplo, a alteração da ordem dos itens apresentados na queixa crime, colocando como informação inicial os itens que tratavam sobre os escravos. Sem o devido aviso prévio de como o texto está ali apresentado, essas alterações podem ser entendidas como uma interferência do historiador no dado da fonte, o que ocasiona um questionamento sobre a validade das informações ali expostas.

A partir de um viés filológico, a professora doutora Lívia Magalhães está preparando uma edição, balizada por critérios filológicos claros e coerentes. Isso porque, como apontam Lose e Sacramento (2020, p. 3) “[...] interessa à Filologia tanto as práticas de edição que objetivam a retomada do texto lendo o contexto de partida e de chegada do texto, quanto os gestos teórico-críticos que tencionam enfrentar

questões hermenêuticas e críticas.” (Borges; Sacramento, 2012; Marquilhas, 2005), ou seja, interessa a Filologia observar todo o aspecto histórico, cultural e linguístico do dado apresentado nos escritos.

Ao longo dessa pesquisa paralela à elaboração do modelo, pretende-se, também, debater sobre o tratamento dos historiadores em relação às fontes, o que resultará em uma discussão acerca da realização de pesquisas em documentos de acervo e a necessidade de estabelecimento de um diálogo sempre interdisciplinar entre diversas áreas do conhecimento para uma análise mais profunda do dado. Há, também, a pretensão de disponibilizar essa nova edição para conhecimento de todos, como uma forma de reverência à memória do Hipólito, da Lauriana, do Bastião, do Domingos e de todos os negros citados diretamente no documento e que sofreram nas mãos do sádico D’Avilla.

Estudo de Redes de Créditos

Uma outra pesquisa desenvolvida em paralelo aos trabalhos de elaboração do modelo se situa no campo da História e está sob a responsabilidade da professora doutora Lucia Furquim Werneck Xavier, para quem a historiografia sobre o crédito no Brasil colônia dedicou atenção, entre outros temas, aos grandes atores, deixando de fora de suas análises os pequenos credores e devedores (Gil, 2021). Outra característica da historiografia sobre o crédito apontada por Gil (2021, p. 123) é o uso de fontes específicas, a saber, escrituras públicas, juramentos de alma e inventários *post-mortem*.

Percebe-se, pois, que essa historiografia da área ignorou a documentação inquisitorial. O Regimento do Santo Ofício determinava que, ao serem encarcerados, indivíduos deveriam apresentar uma listagem de bens, incluindo a relação de credores e devedores, quando houvesse. Essas listagens, no geral, apresentam dados qualitativos ao invés de quantitativos. É consenso na literatura sobre o crédito que há laços entre credores e devedores que são de extrema importância para o desenvolvimento de relações interpessoais.

Para exemplificar o estabelecimento dessas relações de crédito, apresenta-se o caso de André Pedro, flamengo. Ele foi denunciado ao Santo Ofício por Agostinho de Olanda e sua esposa Maria de Paiva. A leitura do texto deixa bem claro que a motivação dos denunciantes é puramente econômica, como se percebe nas palavras do denunciado, “Agostinho do Landa Maria dapaiua sua molher (...) mequeretodos mal Porquelhe não quis dar mais auiamto pa o seu engenho ep que aplicaua que mepaguase oq medeuia” e tem-se uma relação de crédito caracterizada por interesse, uma vez que, as relações pessoais variavam. Quando precisaram de André Pedro para não perderem seus escravos, os Rego Barros se relacionavam bem com o flamengo. Porém, ao serem cobrados, voltaram-se contra ele.

[...] per se Pedir que mepague oquepor elle paguey en diro e aiuaódeLettras que passey pa queselhe não vendesen osseusescrauos elhe tirei detodassúas diuidas que ele tinha equando sevio liuvre sem deuer nada a nemguen Leuantouse os maihores comiguo entrocguo demepagar amesaúame q ‘ me auiadefazer econteçer e’ outras mtas cóuzas que aqui não diguo [...].

Para construção da pesquisa sobre o tema, toda a equipe, ao realizar as transcrições, atenta à presença da palavra “crédito” e, encontrando-a, insere a marcação por *tag*, um recurso presente na plataforma Transkribus que funciona como um grande facilitador para trabalhos de levantamento de dados, já que, uma vez inserida a *tag*, ela aparece registrada no banco de metadados, ficando facilmente disponível tanto para ser baixada, como um registro quantitativo; quanto para criação de bancos de dados partindo de arquivos XML. Este procedimento de inserção de *tag* está sendo usado pela equipe para marcação de outros termos específicos de interesse de outras tantas pesquisas paralelas que têm sido realizadas ao longo do processo de criação do modelo.

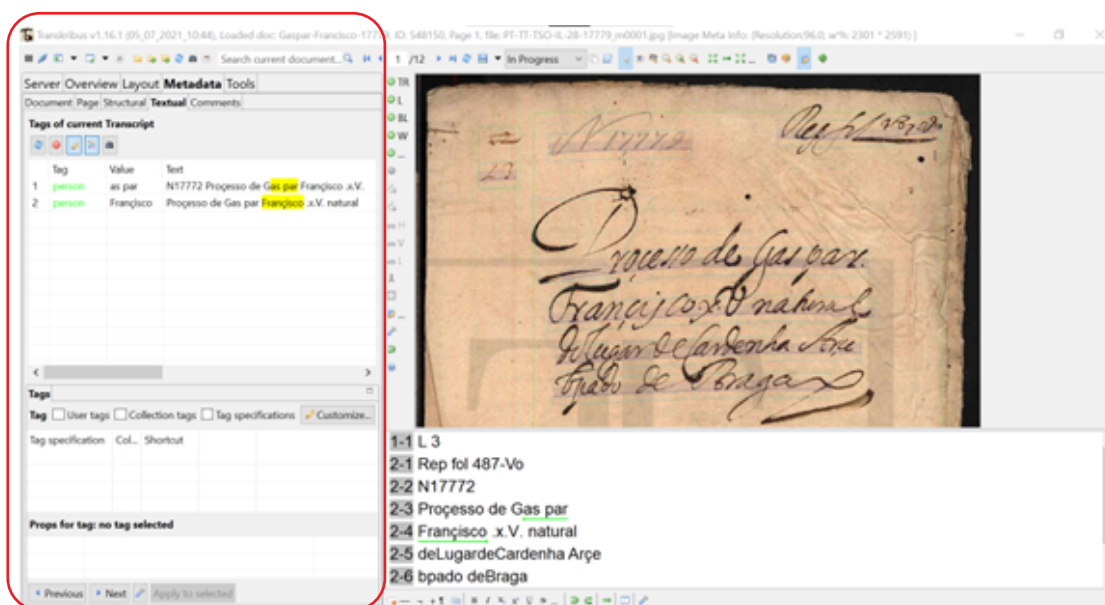
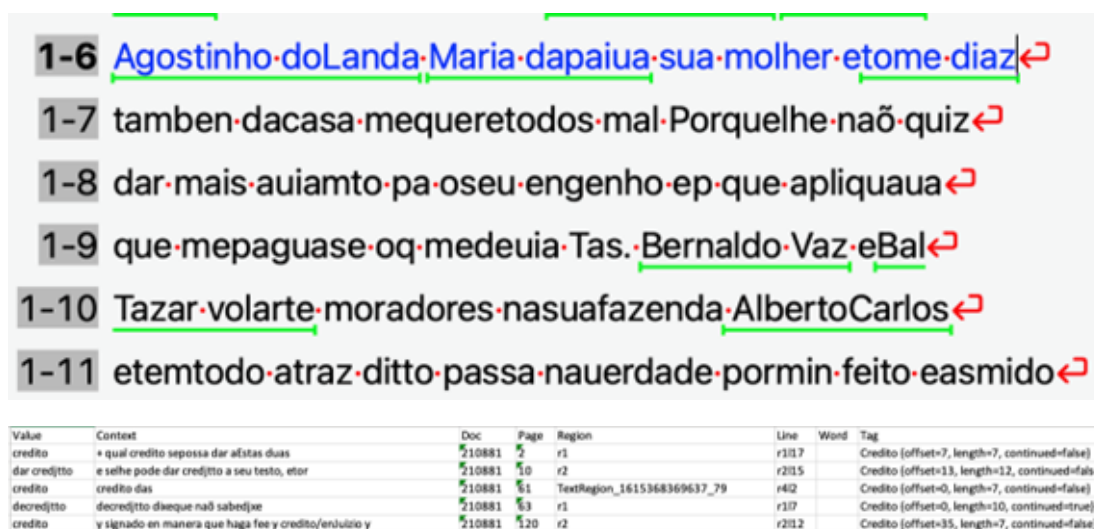


Figura 4. Metadados na Transkribus com registro de marcação da tag “person” ao longo do processo do Gaspar Francisco.

Fonte: Acervo dos autores.



Value	Context	Doc	Page	Region	Line	Word	Tag
crédito	+ qual credito se possa dar a estas duas	210881	5	r1	r117	Credito	Credito (offset=7, length=7, continued=false)
dar credito	e selhe pode dar credito a seu testo, etor	210881	10	r2	r215	Credito	Credito (offset=13, length=12, continued=false)
credito	credito das	210881	61	TextRegion_1615368369637_79	r42	Credito	Credito (offset=0, length=7, continued=false)
decreditto	decreditto dsaque naõ sabedjxe	210881	63	r1	r117	Credito	Credito (offset=0, length=10, continued=true)
credito	y signado en manera que haga fee y credito/enjuizio y	210881	120	r2	r212	Credito	Credito (offset=35, length=7, continued=false)

Figura 5. Marcações da palavra crédito no texto no processo do André Pedro e os registros.

Fonte: Acervo dos autores.

Estudo de Personagens dos Processos Inquisitoriais

Uma das características do *modus operandi* da Inquisição portuguesa era a produção e organização “[...] quase perfeita [...]” (Novinsky, 1968, p. 417) de diversos documentos – processos, denúncias, confissões etc. Os papéis do secreto, chamados assim pela obrigação de serem mantidos em segredo os trâmites inquisitoriais, foram usados por diversos pesquisadores desde a extinção do tribunal da fé. Ginzburg (1991), em seu célebre ensaio “O Inquisidor como antropólogo”, apontou a importância da documentação inquisitorial no estudo dos anônimos da História. Muitas vezes ignorados pela documentação produzida por outras instituições, os papéis da Inquisição dão voz a “[...] multidão imensa dos figurantes mudos [...]” (Holanda, 1985, p. 174) da História.

É certo que a documentação inquisitorial tem os seus filtros, a exemplo da linguagem nem sempre muito clara para o pesquisador, ou ainda a situação de produção, marcada por uma forte desigualdade entre os inquisidores e o réu. Todavia, cabe ao pesquisador “[...] desembaraçar o emaranhado de fios que formam a malha textual destes diálogos.” (Ginzburg, 1991, p. 209) é preciso olhar por cima dos ombros dos inquisidores (Ginzburg, p. 206), para assim, mesmo que de forma indireta, acessar a memória dessas populações, totalmente ignoradas em outros papéis, que sem a documentação inquisitorial, seria difícil entender diversos aspectos das vidas dessas pessoas. Como explica Vainfas (2018, p. 181), “As fontes da Igreja e da Inquisição mostram-se, portanto, riquíssimas para aproximar o historiador das

intimidades vividas no passado” e foi essa a percepção do bolsista de iniciação científica João Veloso que, na condição de estudante de história, passou a dedicar-se sobre o teor dos documentos, focando, especificamente, no levantamento de dados sobre os sujeitos que estavam sendo denunciados no Tribunal do Santo Ofício. Esse olhar gerou mais algumas pesquisas paralelas à realização do modelo como, por exemplo, a realizada sobre o António Caldeiras, um Frei agostiniano, que fora denunciado por manter amizade com os holandeses e, também, por delitos sexuais.

O acesso ao teor dos documentos estudados por João ocorre em função do trabalho de transcrição dos dados para treinamento do modelo em Língua Portuguesa na plataforma Transkribus, fazendo com que a plataforma figure, mais uma vez, como ferramenta de mediação de pesquisas.

Acessibilizar Textos para Educadores

Le Goff (2003) lembra que a memória coletiva e a história são construídas por meio de dois materiais: o monumento e o documento, sendo aquele uma herança do passado e este fruto da mediação com os estudiosos de fontes. O fato é que ambos são elementos extremamente importantes para que os sujeitos se entendam como parte de uma construção cultural, política, econômica e social e, por isso, merecem ser sempre valorizados, preservados e difundidos, um processo que ocorre em função da educação patrimonial, definida por Horta, Grunberg e Monteiro (1995) como

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

O graduando em Letras Leonardo Coelho, atento a essas dinâmicas da educação básica, enxergou no modelo da Transkribus uma forma de permitir que professores da educação básica tenham como fazer a leitura automatizada de documentos manuscritos e, assim, passem a utilizar os manuscritos como recurso na construção do processo de ensino aprendizagem escolar. Seria, então, um processo de facilitação ao teor dos documentos, já que, em função dos aspectos caligráficos, dos danos nos suportes, por vezes, fazer leitura de um manuscrito torna-se uma tarefa árdua que é, convencionalmente, realizada por especialistas.

Um professor da educação básica, podendo ler o texto, poderia mediar as aulas observando o conteúdo que está ali tratado. No caso aqui estudado, cujo *corpus* se constitui de documentos inquisitoriais, poder-se-ia considerar a construção de aulas sobre a atuação do tribunal do santo ofício; sobre os processos de censura; sobre a atuação da Igreja no Estado; sobre o local social dos grupos minoritários, ou seja, negros e mulheres; dentre diversos outros temas que aparecem nos documentos.

Além do conteúdo, é impossível não observar que esses documentos são verdadeiras fontes para estudo da variação linguística que caracteriza a história da língua, um elemento de fundamental importância para a compreensão dos usos atuais. Toma-se, como exemplo, a palavra Bayá, grafada com “y”.

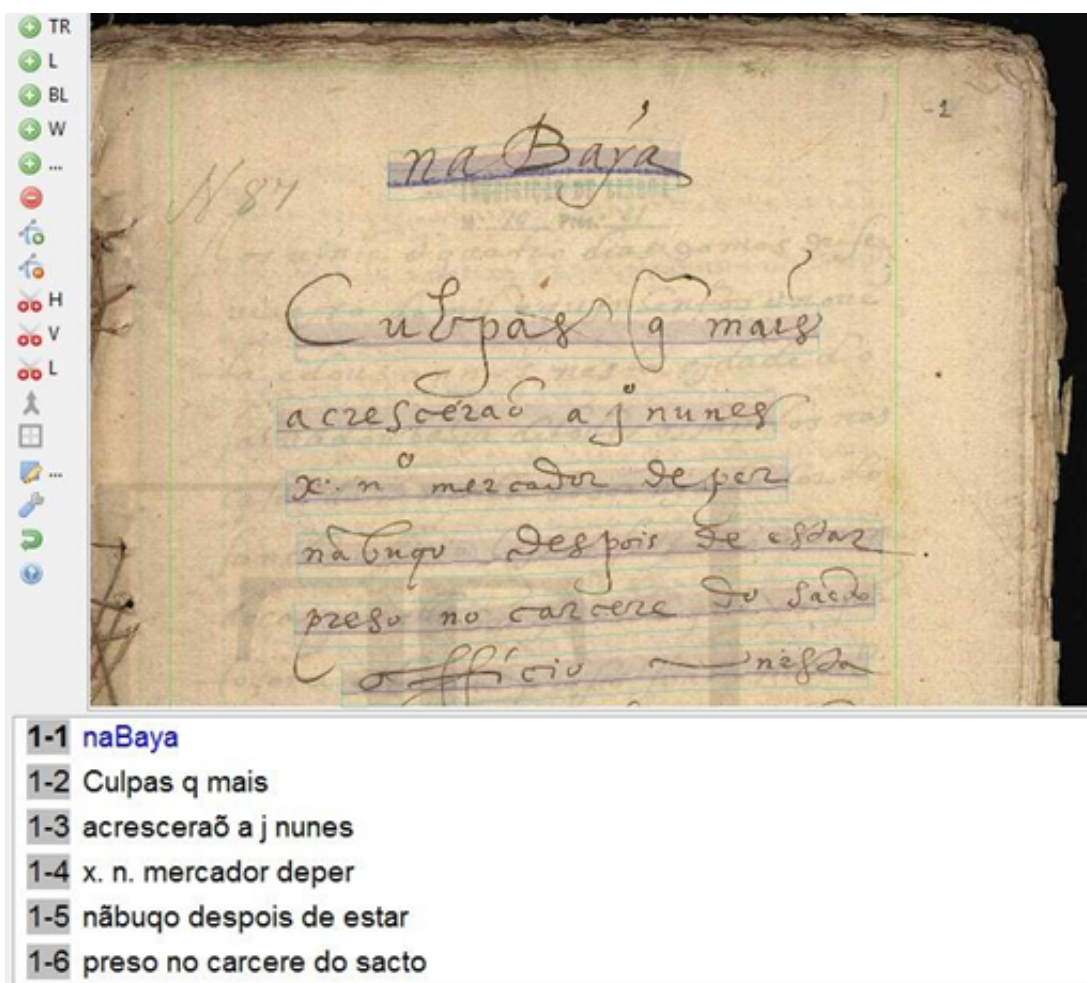


Figura 6. Exemplo de variação de grafia nos processos inquisitoriais.

Fonte: Acervo dos autores.

É importante destacar que a ideia de usar os textos na educação básica para estudos linguísticos não versa no nível de propor análises sobre os processos de mudança, mas sim, como uma forma de levar o estudante a compreender que a língua é um sistema vivo e mutável. Uma percepção que, por vezes, não é apreendida no espaço escolar e que culmina nos diversos episódios de preconceito linguísticos que ocorrem na sociedade.

Considerações Finais

Frente ao exposto, percebe-se que a entrada da Paleografia no âmbito das Humanidades Digitais, trouxe, e continuará trazendo, contribuições fundamentais para o estudo das fontes em língua portuguesa, bem como para a divulgação delas.

Os membros do Grupo de Pesquisa *Modus Scribendi*, empenhados na elaboração do modelo Padre Antônio Vieira para documentos manuscritos em Língua Portuguesa, percebem o trabalho com fontes manuscritas de forma complexa, relacional, interdisciplinar e científica, com o objetivo maior de democratização do conhecimento, tendo a Paleografia como porta de acesso. Em breve o modelo estará pronto e acessível, assim como todas as pesquisas paralelas aqui citadas.

Referências

- ANDRADE, Marla Oliveira (2010). *Uma porta para o passado: edição de documentos dos séculos XVI e XVII do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)
- BARROS, José D'Assunção (2020). *A fonte histórica e seu lugar de produção*. Petrópolis: Vozes.
- BARROS, José D'Assunção (2021). Fontes históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. *ANPUH 2019: História e Parcerias* [em linha]. Rio de Janeiro [consult. 24 de setembro 2021]. Disponível em: <https://abre.ai/ioMo>.
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin (2008). *Noções de paleografia e diplomática*. Santa Maria: Editora UFSM. 3 ed.
- BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de (2012). Filologia e edição de textos. In: BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto. p. 15-59.
- CUILA, Arianna (2017). Digital palaeography: What is digital about it?. *Digital Scholarship in the Humanities*. Vol. 32, p. ii89–ii105. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/llc/fqx042>
- DERRIDA, Jacques (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relumê Dumará.
- FEYERABEND, Paul (1977). *Contra o Método: esboço de uma teoria anárquica do conhecimento*. Trad. Octanny S. da Mata. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- GIL, Tiago Luís (2021). El crédito en economías de Antiguo Régimen: Algunas cuestiones teóricas y reflexiones sobre la historiografía de la América portuguesa. *Revista de Historia Americana y Argentina*, Vol. 56, n. 1, p. 103–132.

GINZBURG, Carlos (1991). O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações. In: CASTELNUOVO, Enrico; GINZBURG, Carlo. PONI, Carlo. *A Micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTES, Jacques (1983). *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix.

GÓMEZ, Antonio Castillo; SÁEZ, Carlos. Paleografia versus Alfabetização: reflexões sobre História Social da Cultura Escrita. *Labor Histórico*, Rio de Janeiro, Vol. 2, p. 164-187, jan. | jun. 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (1985). Introdução às memórias de Thomas Davatz. In: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática. p. 174.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz (1999). *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial.

JESUS, Tamires Alice Nascimento de (2014). *Cartas de profissão dos monges do Mosteiro de São Bento da Bahia: “certidão de nascimento” de um ser renovado*. 215f. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Monografia (Bacharelado em Letras).

LE GOFF, Jacques (2003). *História e Memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: UNICAMP.

LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de (2020). Para uma filologia na pesquisa em linguística histórica. *Letras*, Santa Maria, Vol. 30, n. 60, p. 11-3. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/42058>

LOSE, Alícia Duhá [et. al.] (2011). Edições digitais de manuscritos: do século XVI ao século XXI. In: CIRILLO, José; PASSOS, Marie- Hélène Paret (Org.). *Materialidade e virtualidade no processo criativo*. Vinhedo: Horizonte, 2011. p. 77-99.

MAGALHÃES, Livia Borges Souza (2010). *Pequenas análises do Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia*. 2010. 85f. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras Vernáculas).

MAGALHÃES, Livia Borges Souza (2013). *Fazendo filologia entre tags e dígitos binários: uma proposta de edição do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia*. 406f. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia. Dissertação (Mestrado em Letras).

MOTT, Luiz (2010). *Bahia: inquisição e sociedade*. Salvador: EDUFBA.

NOVINSKY, Anita (1968). *A Inquisição na Bahia: um relatório de 1632*. *Revista de História*, São Paulo, v. 36, n. 74, p. 417-423.

NÚÑEZ CONTRERAS, Luis Nuñez (1994). *Manual de paleografía: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Cátedra.

SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, Jonh (2004). *A companion to digital humanities*. 2004, Oxford: Blackwell. [consult. 18 de agosto 2016] Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/>.

SIQUEIRA, Sônia Aparecida (1971). *O momento da Inquisição*. [consult. 26 de setembro 2021]. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/129579/126071>.

THATCAMP (2011). *Manifesto das Humanidades Digitais*. ThatCamp [The Humanities and Technology Camp]. Paris, 2011. [consult. 29 de dezembro 2019]. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>.

VAINFAS, Ronaldo (2018). *Moralidades brasileiras: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista*. In: NOVAIS, Fernando Antonio (coord.); SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da vida privada no Brasil 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia do Bolso, p. 176-220.